



# Indicadores do agronegócio do RS: exportações e emprego formal no 3.º trimestre de 2020

**Rodrigo Daniel Feix e Sérgio Leusin Junior**  
Analistas pesquisadores em Economia (SPGG-RS/DEE)

O Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão (SPGG) atualiza as estatísticas de exportação e do emprego formal celetista do agronegócio do Rio Grande do Sul e do Brasil. Os dados brutos têm como fonte o Sistema Comex Stat, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), divulgados pelo Ministério da Economia.

A produção das estatísticas é inspirada no conceito do agronegócio, que, além da agropecuária, abrange a produção de insumos e de bens de capital para a agropecuária, a indústria de transformação de matéria-prima agropecuária e as atividades especializadas na oferta de serviços agropecuários e na armazenagem e distribuição dos produtos do agronegócio. Em seguida, são apresentados os principais resultados do Rio Grande do Sul, referentes ao terceiro trimestre e ao acumulado do ano de 2020 (janeiro-setembro), comparativamente a igual período do ano anterior.

Para a análise das informações do emprego formal, cabe ressaltar que, a partir de janeiro de 2020, a captação de dados do Caged passou a ocorrer por meio do Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial), dando origem ao que se convencionou chamar de estatísticas do Novo Caged. As diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do eSocial podem afetar a comparabilidade das séries históricas, mas constituem as únicas informações disponíveis para o acompanhamento mensal e desagregado da dinâmica setorial do mercado de trabalho formal no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>.

## 1 Exportações

### 1.1 Exportações no terceiro trimestre

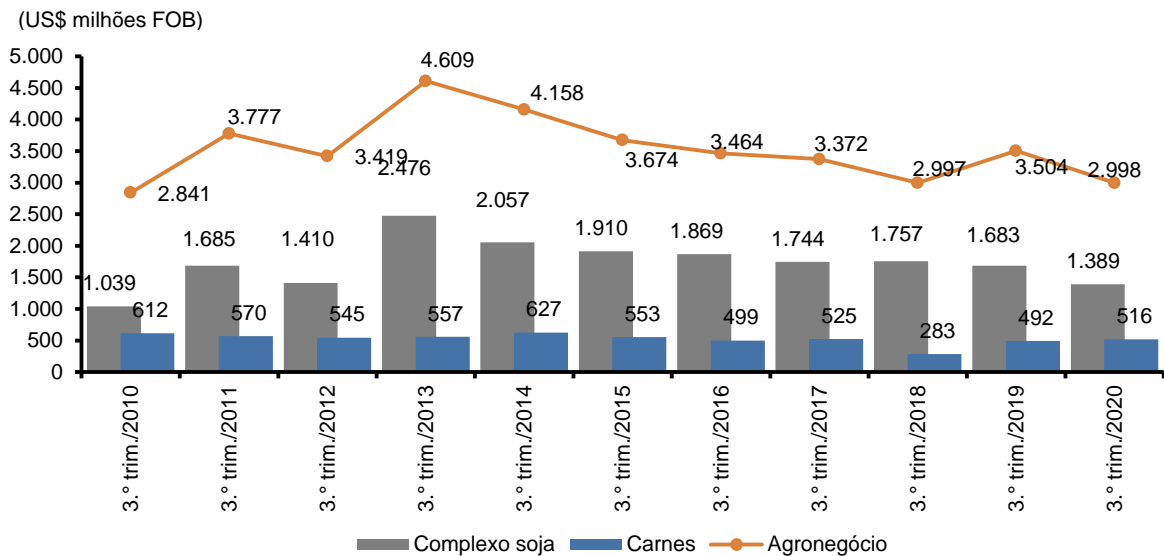
As exportações do agronegócio gaúcho totalizaram US\$ 3,0 bilhões no terceiro trimestre de 2020, o que corresponde a 74,4% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, ocorreram quedas no valor (-14,5%), no volume exportado (-7,1%) e nos preços médios valorados em dólar (-8,0%). Em termos absolutos, a queda do valor exportado foi de US\$ 506,6 milhões.

<sup>1</sup> Para maiores informações sobre as diferenças metodológicas entre as estatísticas do Caged e do Novo Caged, ver: BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria de Trabalho. **Substituição da captação dos dados do Caged pelo eSocial**. [Brasília, DF]: Ministério da Economia, 2020. (Nota Técnica). Disponível em [http://pdet.mte.gov.br/images/Novo\\_CAGED/Nota%20t%C3%A9cnica%20substitui%C3%A7%C3%A3o%20CAGED\\_26\\_05.pdf](http://pdet.mte.gov.br/images/Novo_CAGED/Nota%20t%C3%A9cnica%20substitui%C3%A7%C3%A3o%20CAGED_26_05.pdf). Acesso em: 03 ago. 2020.



Gráfico 1

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim. 2010-20

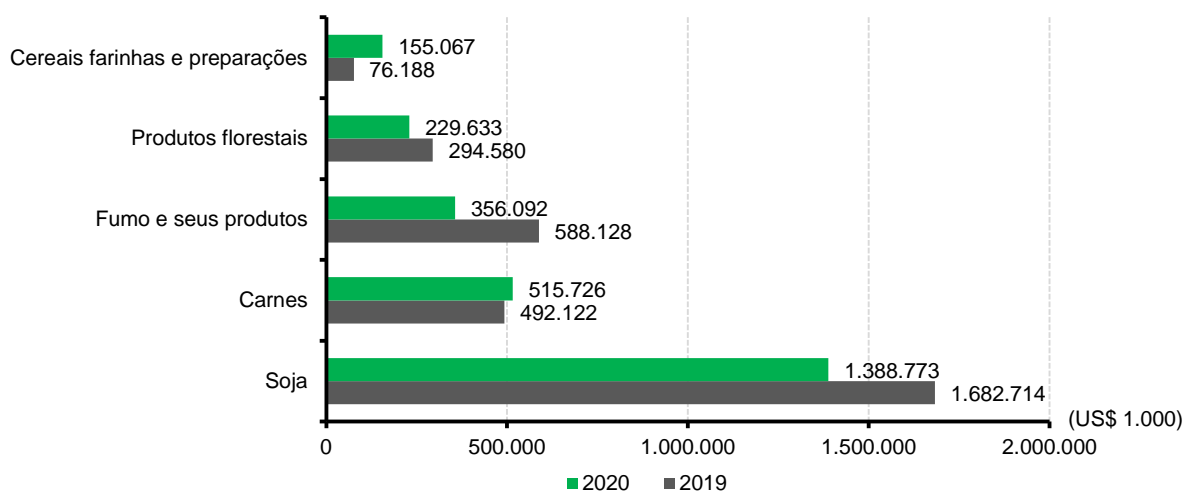


Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Os cinco principais setores exportadores do agronegócio gaúcho no terceiro trimestre de 2020 foram: complexo soja (US\$ 1,4 bilhão), carnes (US\$ 515,7 milhões), fumo e seus produtos (US\$ 356,1 milhões), produtos florestais (US\$ 229,6 milhões) e cereais, farinhas e preparações (US\$ 155,1 milhões). A queda nas vendas ocorrida no trimestre foi determinada, principalmente, pelos desempenhos do complexo soja (menos US\$ 293,9 milhões; -17,5%), do setor de fumo e seus produtos (menos US\$ 232,0 milhões; -39,5%) e do setor de produtos florestais (menos US\$ 64,9 milhões; -22,0%). Entre os principais setores, ocorreram crescimentos no setor de cereais, farinhas e preparações (mais US\$ 78,9; 103,5%) e no setor das carnes (mais US\$ 23,6 milhões; 4,8%).

Gráfico 2

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — 3.º trim./2019 e 3.º trim./2020



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.



No caso do complexo soja, a queda ocorrida no terceiro trimestre de 2020 é explicada pela redução nas vendas externas de soja em grão (menos US\$ 274,5 milhões; -19,4%). A menor disponibilidade interna da oleaginosa, devido à estiagem e ao intenso movimento de embarques nos meses anteriores, foi determinante para o resultado do trimestre. Já no setor de fumo e seus produtos, que registrou a segunda maior queda absoluta no trimestre, o desempenho deveu-se fundamentalmente a dois fatores: (a) a estiagem, que reduziu em 22,5% a produção local de matéria-prima, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020); e (b) a significativa queda dos preços médios de seus produtos. Nesse trimestre, o fumo não manufaturado apresentou uma redução de 29,4% nos preços valorados em dólares, comparativamente ao terceiro trimestre de 2019. Esse é o menor valor para a tonelada do fumo não manufaturado desde o primeiro trimestre de 2007. Para o faturamento da indústria local, a queda nas cotações em dólar foi parcialmente compensada pela desvalorização cambial. Nos produtos florestais, a queda nas vendas externas é explicada pela redução nos preços médios (-24,0%) e no volume (-14,8%) exportado da celulose, principal produto do setor.

Contrariando a tendência geral de queda nas exportações, as vendas externas dos setores de cereais, farinhas e preparações, bem como o de carnes, cresceram no terceiro trimestre de 2020. No caso do setor de cereais, farinhas e preparações, o crescimento foi consequência, sobretudo, do expressivo incremento nas exportações de arroz (mais US\$ 74,7 milhões; 105,1%). A desvalorização do real frente ao dólar aumentou a atratividade do produto brasileiro e inflou os preços pagos aos orizicultores e à indústria do arroz (equalização entre preços internos e externos). No caso das carnes, apesar da expressiva queda nas exportações do principal produto do setor — a carne de frango (menos US\$ 70,4 milhões; -24,0%) — o desempenho positivo da carne suína (mais US\$ 66,6 milhões; 66,5%) e da carne bovina (mais US\$ 31,0 milhões; 47,5%) garantiram o segundo maior crescimento absoluto nesse trimestre.

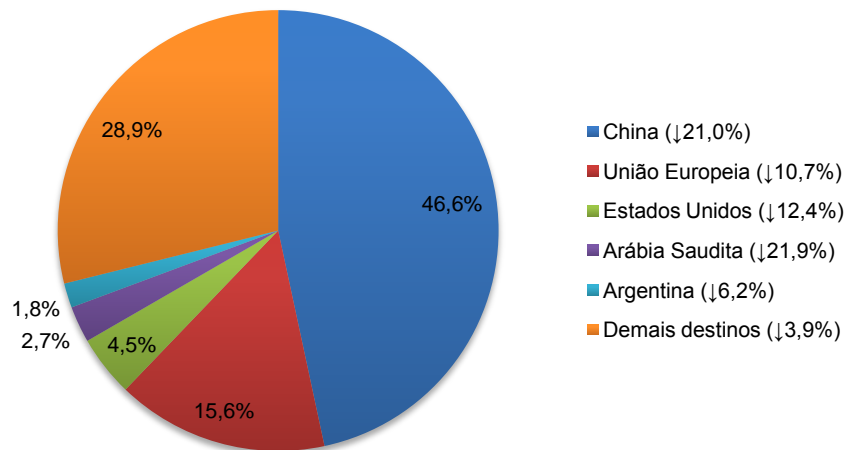
Os principais destinos das exportações do agronegócio gaúcho no terceiro trimestre de 2020 foram: China (46,6%), União Europeia (15,6%), Estados Unidos (4,5%), Arábia Saudita (2,7%) e Argentina (1,8%). Esses cinco destinos concentraram 71,1% do valor exportado no trimestre. A China foi responsável pela maior redução absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio (menos US\$ 370,9 milhões; -21,0%). Na sequência, as maiores reduções nas exportações ocorreram para o Irã (menos US\$ 90,8 milhões; -79,5%), a União Europeia (menos US\$ 55,7 milhões; -10,7%) e Arábia Saudita (menos US\$ 22,5 milhões; -21,9%).

A queda no valor exportado para a China concentrou-se na soja em grão (menos US\$ 249,8 milhões; -18,8%), no fumo não manufaturado (menos US\$ 163,3 milhões; -99,2%) e na celulose (menos US\$ 71,0 milhões; -57,1%). Para o Irã, a queda concentrou-se nos produtos do complexo soja (menos US\$ 90,9 milhões; -81,5%). Para a União Europeia, os produtos que explicam a redução no trimestre foram o fumo não manufaturado (menos US\$ 46,7 milhões; -22,0%), a carne de frango (menos US\$ 21,2 milhões; -82,0%) e a celulose (menos US\$ 11,2 milhões; -26,6%). Já para a Arábia Saudita, cessaram as vendas de farelo de soja no trimestre, o que representa uma queda de US\$ 20,8 milhões em relação a 2019.



Gráfico 3

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim./2020



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

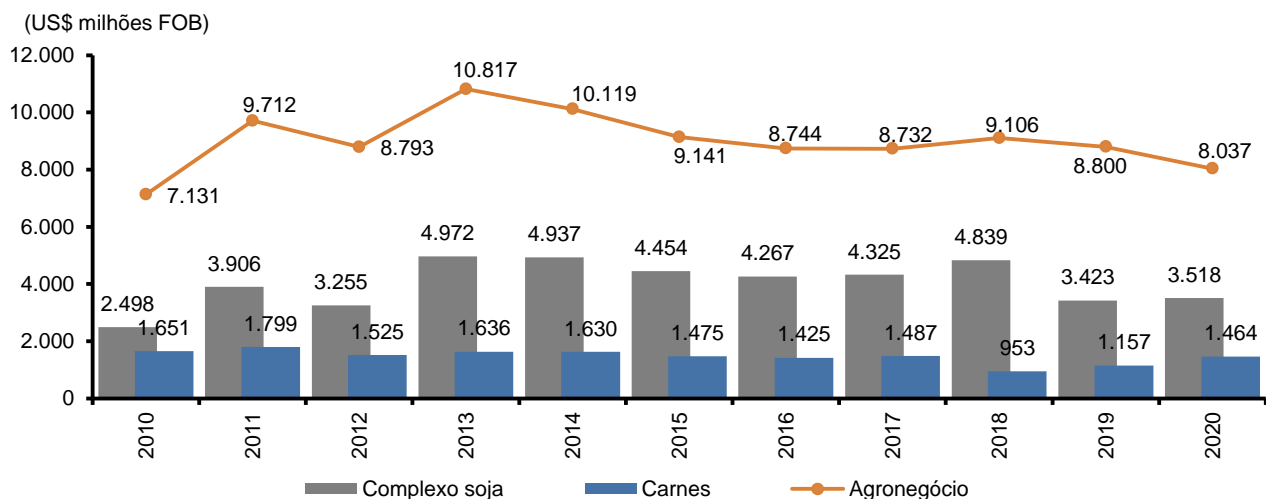
Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no terceiro trimestre de 2020, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor no terceiro trimestre de 2020, comparativamente a 2019.

## 1.2 Exportações no acumulado do ano (jan.-set.)

As exportações do agronegócio gaúcho no acumulado do ano de 2020 totalizaram US\$ 8,0 bilhões, o que corresponde a 73,6% das exportações totais do Rio Grande do Sul. Comparativamente ao mesmo período do ano anterior, ocorreram quedas no valor (-8,7%) e nos preços médios (-10,1%), enquanto o volume embarcado cresceu 1,6%. Em termos absolutos, a queda do valor exportado foi de US\$ 762,3 milhões nos nove primeiros meses do ano, comparativamente a 2019.

Gráfico 4

Exportações totais e dos principais setores do agronegócio do Rio Grande do Sul — jan.-set. 2010-20



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.



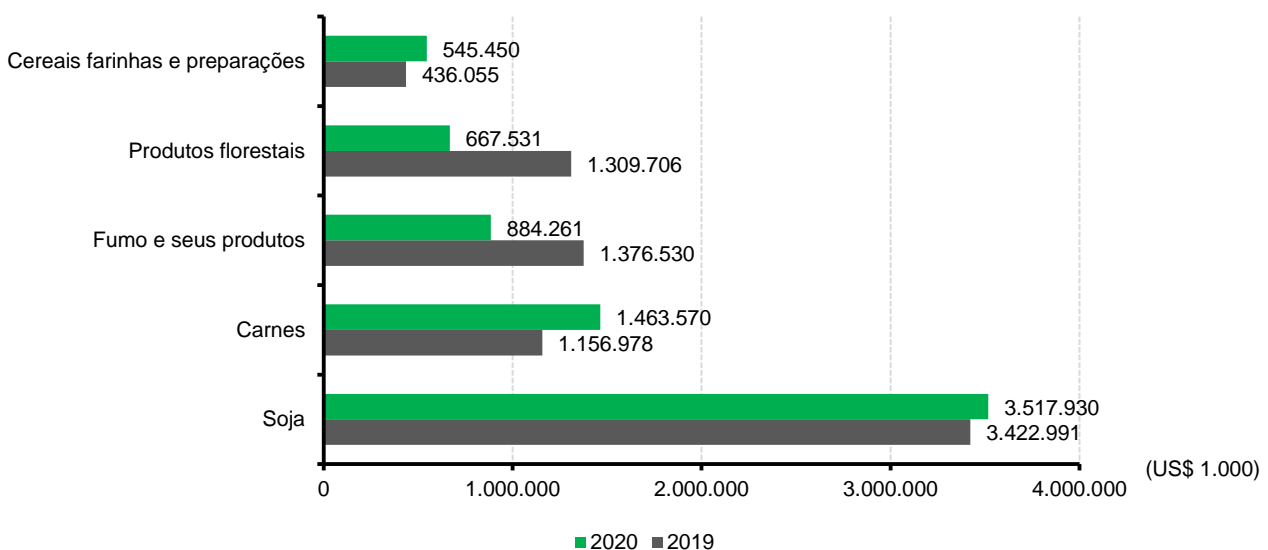
No acumulado de janeiro a setembro, os cinco principais setores exportadores do agronegócio gaúcho foram: complexo soja (US\$ 3,5 bilhões), carnes (US\$ 1,5 bilhão), fumo e seus produtos (US\$ 884,3 milhões), produtos florestais (US\$ 667,5 milhões) e cereais farinhas e preparações (US\$ 545,5 milhões). O resultado negativo no acumulado do ano foi determinado principalmente pelos setores de produtos florestais (menos US\$ 642,2 milhões; -49,0%) e de fumo e seus produtos (menos US\$ 492,3 milhões; -35,8%). Entre os principais setores, o maior crescimento absoluto no valor exportado ocorreu no setor de carnes (mais US\$ 306,6 milhões; 26,5%). Ao longo do ano, as carnes bovina e suína apresentaram taxas de crescimento trimestrais cada vez maiores para o volume embarcado, diferentemente da carne de frango, que reduziu o crescimento desde o primeiro trimestre, culminando com uma queda nas exportações no terceiro trimestre. O setor de cereais, farinhas e preparações apresentou o segundo maior crescimento absoluto do valor exportado no acumulado do ano (mais US\$ 109,4 milhões; 25,1%). Esse resultado deve-se às exportações de arroz, que alcançaram 1,1 milhão de toneladas no acumulado de janeiro a setembro, maior volume da série histórica para o período e que equivale a 14,3% da safra colhida em 2020. Com um crescimento modesto, mas surpreendente em função da estiagem e da conseqüente quebra na produção (-39,4% segundo o IBGE (2020)), as exportações do complexo soja continuam superando as registradas nos nove primeiros meses de 2019 (mais US\$ 94,9 milhões; 2,8%). Com a baixa nos estoques locais e o aumento dos prêmios nas principais praças do interior do Estado, a tendência é de queda nas exportações do complexo soja no último trimestre do ano.

No caso dos produtos florestais, a queda no valor exportado foi determinada pela significativa redução nos preços médios (-41,1%) e no volume embarcado (-13,4%). Embora a redução nas exportações de celulose tenha sido uma tendência entre os exportadores nacionais, o Rio Grande do Sul foi o estado com a maior queda. No acumulado do ano, o Rio Grande do Sul foi ultrapassado pela Bahia e caiu para a terceira posição no *ranking* dos maiores exportadores nacionais de celulose, reduzindo a sua participação de 18,3% em 2019 para 9,8% em 2020.

Para o setor de fumo e seus produtos, cuja disponibilidade de matéria-prima também foi adversamente impactada pela estiagem, a queda é explicada pelas reduções nos preços médios (-20,9%) e nos volumes embarcados (-18,8%).

Gráfico 5

Principais setores exportadores do agronegócio no Rio Grande do Sul — jan.- set./2019 e jan.-set./2020



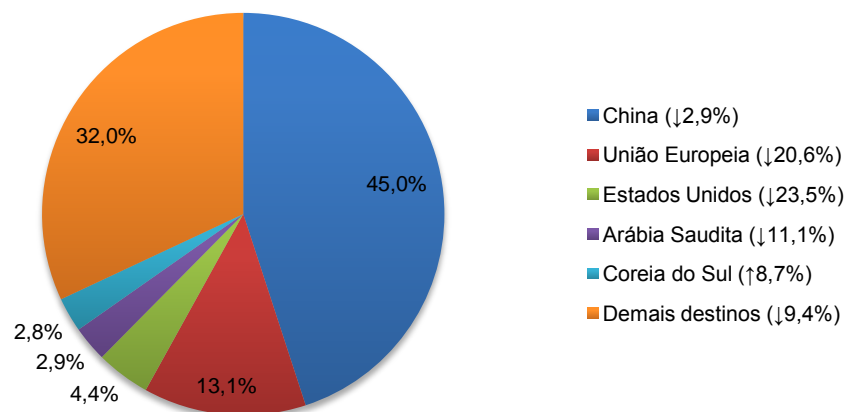
Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.



No que se refere aos destinos das exportações do agronegócio gaúcho nos nove primeiros meses de 2020, os cinco principais foram: China (45,0%), União Europeia (13,1%), Estados Unidos (4,4%), Arábia Saudita (2,9%) e Coreia do Sul (2,8%). Esses cinco destinos concentraram 68,0% do valor das vendas. A União Europeia foi responsável pela maior redução absoluta no valor das exportações gaúchas do agronegócio (menos US\$ 272,0 milhões; -20,6%). Na sequência, aparecem Irã (menos US\$ 198,3 milhões; -89,4%), Estados Unidos (menos US\$ 107,5 milhões; -23,5%) e China (menos US\$ 107,0 milhões; -2,9%). Apesar da queda nas exportações, a China manteve-se como principal comprador do agronegócio gaúcho e ampliou a sua participação nas exportações no período (de 42,3% para 45% do total). Entre os três principais destinos, somente a Coreia do Sul apresentou um comportamento diferente da tendência de queda no acumulado do ano (mais US\$ 17,8 milhões; 8,7%).

Gráfico 6

Principais destinos das exportações no agronegócio do Rio Grande do Sul — jan.-set./2020



Fonte: Ministério da Economia, Secretaria de Comércio Exterior.

Nota: Os percentuais no gráfico correspondem à parcela do valor exportado no acumulado do ano de 2020, em dólares. Entre parênteses, os percentuais correspondem à variação do valor acumulado do ano de 2020, comparativamente ao mesmo período de 2019.

A celulose foi o produto com pior desempenho nas vendas para a União Europeia (menos US\$ 119,9 milhões; -58,3%), seguido do fumo não manufaturado (menos US\$ 102,9 milhões; -22,0%). No caso do Irã, a queda concentrou-se nos produtos do complexo soja (menos US\$ 177,6 milhões; -89,6%). As exportações para os Estados Unidos e para a China apresentaram reduções importantes no fumo não manufaturado e na celulose. Conforme referido, no caso do fumo, a queda tem relação com a menor disponibilidade de matéria-prima, devido às perdas com a estiagem. Além do volume, a estiagem também afetou a qualidade do produto, o que contribuiu para a queda nos preços valorados em dólar. Para a redução nas vendas externas de celulose, além do volume atípico exportado no mesmo período de 2019, contribuiu a tendência de arrefecimento nos preços dessa *commodity* no mercado internacional.

Contrariando a tendência geral de queda nas exportações, a China apresentou crescimentos significativos nas compras de carne suína e de soja em grão provenientes do Rio Grande do Sul. No acumulado do ano, a China ultrapassou a Arábia Saudita e isolou-se como o principal comprador do setor de carnes gaúcho. No mesmo período de 2019, a China importava 16,3% do total exportado pelo setor, enquanto a Arábia Saudita importava 19,0%. Em 2020, as posições alteraram-se radicalmente, com a China importando 36,9%, e a Arábia Saudita, 13,3% do total. Embora o Rio Grande do Sul tenha permanecido na quarta posição entre os maiores exportadores de carnes do Brasil, o Estado foi o segundo com maior ganho de participação nas exportações nacionais em 2020. Todas as carnes colaboraram para esse movimento, mas a carne suína exportada para a China foi o grande destaque.



### 1.3 A estiagem, a pandemia e as exportações do agronegócio gaúcho

Se, no início do ano, as notícias sobre a estiagem já indicavam perdas econômicas substanciais para o setor agropecuário local, a partir de março somaram-se às preocupações a pandemia da Covid-19 e todos os seus potenciais desdobramentos. A redução da circulação de pessoas e de mercadorias devido à pandemia e a restrição da oferta de diversos produtos agropecuários devido à estiagem criaram condições desafiadoras para o agronegócio e a economia gaúcha. Contudo, até o momento, pode-se dizer que o agronegócio está entre os setores menos impactados pela pandemia. Além disso, a elevação dos preços recebidos pelos principais produtos agropecuários do Rio Grande do Sul contribuiu para atenuar os impactos econômicos da estiagem na renda da agropecuária. Setorialmente, é difícil avaliar a relação entre a queda nas exportações de celulose (a maior redução setorial) e a pandemia. Sabe-se que a crise mundial acelerou transformações estruturais já em curso no setor, como a redução da demanda por papéis para a impressão, mas também aumentou a demanda por embalagens para alimentos (crescimento do *delivery*) e por produtos do segmento de *tissue* (papéis de baixa gramatura para a higiene pessoal). Nesse setor, a queda nas exportações do Rio Grande do Sul parece derivar principalmente dos volumes atípicos exportados em 2019 e da forte redução dos preços internacionais, não havendo associação com a estiagem local.

Até o momento, os efeitos da estiagem nas exportações foram percebidos principalmente no setor fumaçeiro. Além de uma produção menor, a estiagem também afetou a qualidade do produto, refletindo nos preços recebidos no mercado internacional, que caíram mais de 20% no acumulado do ano.

No caso da soja, apesar da expressiva queda na oferta devido à estiagem, os embarques cresceram em valor e volume, em relação ao acumulado do ano anterior. Desde fevereiro, os preços recebidos pela soja, cotados em reais, seguem uma tendência altista no Brasil, rompendo recordes nominais deste então. Esse aumento dos preços domésticos da soja é explicado, principalmente, pela desvalorização cambial (de 30,7%), uma vez que os preços cotados em dólar mantiveram-se praticamente estáveis no acumulado do ano (-0,9%), comparativamente ao mesmo período de 2019. A desvalorização cambial, além de melhorar a rentabilidade em reais para o exportador, aumenta a atratividade da soja brasileira no mercado internacional. Consequentemente, as ótimas margens propiciadas pela desvalorização cambial e a elevação dos prêmios de exportação aceleraram a comercialização e os embarques da soja, comprimindo os estoques disponíveis no território gaúcho. A saca de soja rompeu a marca de R\$ 150 em diversas regiões do Estado, e empresas esmagadoras passaram a importar o grão em razão de os estoques nacionais e locais encontrarem-se em patamares criticamente baixos. De janeiro a setembro, foram exportadas 10,2 milhões de toneladas de produtos do complexo soja, o que equivale a 90% de toda a soja colhida neste ano em território gaúcho. Tendo em conta a menor disponibilidade do produto nos armazéns e as necessidades para atender à demanda doméstica das indústrias de rações e óleos vegetais, é possível projetar menores volumes embarcados de soja no quarto trimestre, comparativamente a 2019. Além disso, no quarto trimestre, a comercialização da soja gaúcha ocorre em concorrência com a soja norte-americana, que, tradicionalmente, começa a ser escoada em setembro. Dados preliminares do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) apontam um forte crescimento das importações chinesas da soja norte-americana, em ritmo superior ao verificado na média dos últimos cinco anos. Esse movimento acende um alerta para o agronegócio gaúcho, pois, além de indicar um arrefecimento das tensões comerciais entre a China e os EUA, sugere a recomposição do rebanho suíno chinês, que foi reduzido de forma substancial pela Peste Suína Africana. Dessa forma, é possível que, no médio prazo, a demanda chinesa volte a se concentrar na soja em grão, com arrefecimento no crescimento das compras de carnes a partir do Rio Grande do Sul.



## 2 Emprego formal

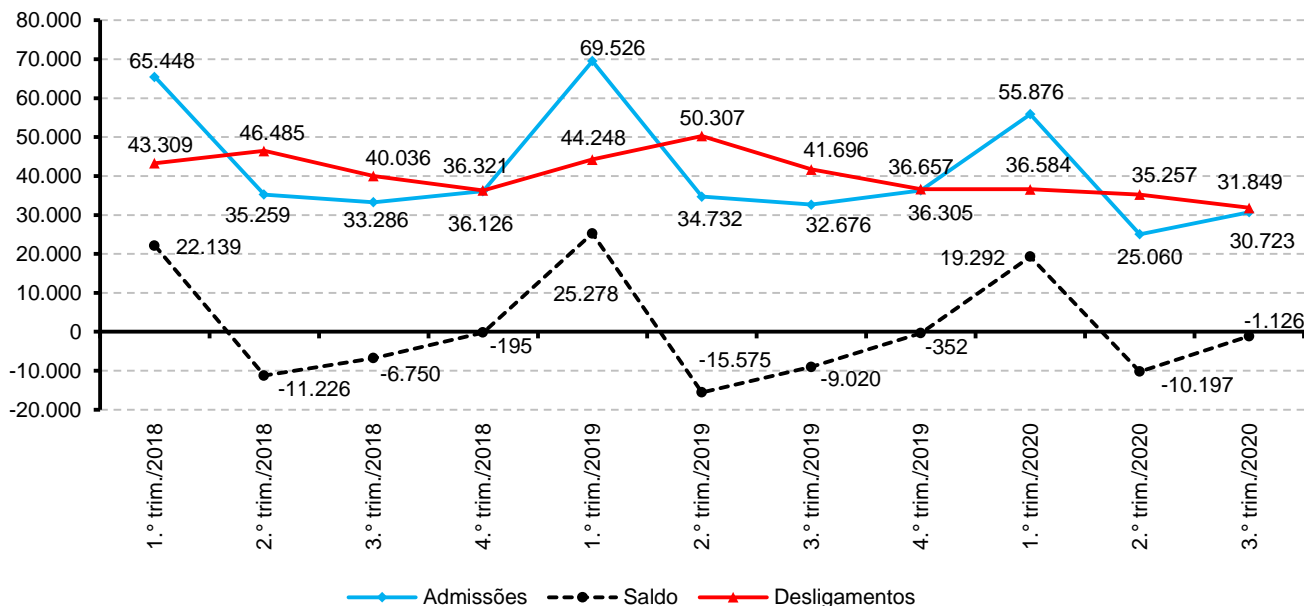
### 2.1 Emprego formal no terceiro trimestre

No terceiro trimestre de 2020, foi registrado saldo negativo de empregos formais no agronegócio do Rio Grande do Sul. O número de admissões (30.723) foi inferior ao de desligamentos (31.849), resultando na perda de 1.126 postos de trabalho com carteira assinada. Em 2019, no mesmo período, a perda foi maior, de 9.020 empregos. No conjunto da economia gaúcha, o trimestre foi marcado pela recuperação parcial de postos de trabalho fechados durante o período mais crítico da pandemia. Entre julho e setembro, foram criados 24.231 empregos formais no Rio Grande do Sul.

Para além dos efeitos da crise econômica associada ao coronavírus e à estiagem, no agronegócio gaúcho, a redução do estoque de empregos com carteira assinada no terceiro trimestre reflete a sazonalidade da produção agrícola local e seus desdobramentos para as atividades agroindustriais. Tradicionalmente, o segundo e o terceiro trimestres são caracterizados por registrarem a desmobilização de parte da mão de obra admitida por tempo determinado nos primeiros meses do ano, para fazer frente aos serviços de colheita, recebimento, processamento e comercialização da safra de verão. Em 2020, refletindo a queda da produção agrícola, a contratação de trabalhadores temporários foi menor no primeiro trimestre. Por consequência, nos trimestres seguintes, os saldos tornaram-se menos negativos, comparativamente a igual período de 2019.

Gráfico 7

Evolução do emprego formal celetista (admissões, desligamentos e saldo) do agronegócio no Rio Grande do Sul — 1.º trim./2018-3.º trim./2020



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

No terceiro trimestre de 2020, a perda de empregos concentrou-se no **segmento “depois” da porteira**, composto predominantemente de atividades agroindustriais (menos 2.764 postos). O principal setor responsável pelo resultado foi o de fabricação de produtos do fumo, que registrou saldo negativo de 6.812 empregos com carteira assinada entre julho e setembro. Trata-se de um movimento sazonal, associado à finalização do beneficiamento do fumo colhido na safra anterior e concentrado no território, especialmente na região do Vale do Rio Pardo. Contudo, em 2020, a perda de postos de trabalho na indústria do fumo foi significativamente inferior à registrada no ano anterior (menos 9.351 empregos). Além da estiagem, que contribuiu para a redução da oferta do fumo (queda de 22,5% na produção gaúcha), a pandemia e as ações voltadas ao distanciamento controlado impacta-





ram as operações da indústria fumageira e, por consequência, a dinâmica da demanda por mão de obra. Comparativamente a 2019, houve uma redução expressiva das admissões no mês de março, com aumentos sucessivos a partir de maio. Na prática, ocorreu um alargamento da tradicional janela de processamento do fumo no Rio Grande do Sul. Por essa razão, a expectativa é de que, no último trimestre de 2020, ocorram um aumento nos desligamentos do setor e a convergência do saldo de empregos para patamar similar ao verificado no ano anterior.

Ainda entre os setores agroindustriais, o destaque positivo na criação de postos de trabalho foi a indústria de carnes (mais 1.611 postos). Com esse aumento, o setor atingiu, em setembro, o recorde de empregos ativos da série histórica iniciada em 2007 (total de 64.762 empregos). Nesse setor, atualmente, a demanda externa constitui a principal fonte de dinamismo para a indústria gaúcha. Conforme observado anteriormente, as exportações de carnes seguem em alta, especialmente as direcionadas para a China, apesar de restrições pontuais e temporárias de oferta causadas pela difusão da Covid-19 no território gaúcho. A desvalorização cambial favorece a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional, e esse impulso tem sido importante para a expansão da indústria de abates.

O segmento “antes da porteira”, formado por atividades dedicadas ao fornecimento de insumos, máquinas e equipamentos para a agropecuária, registrou saldo positivo de 1.354 empregos no terceiro trimestre. O principal setor responsável pela retomada na geração de postos de trabalho nesse segmento foi o de fabricação de tratores, máquinas e equipamentos de uso agropecuário (mais 1.057 postos). De abril a junho, em todo o Brasil, essa indústria foi adversamente afetada pela paralização de plantas produtivas em função da pandemia. No terceiro trimestre, a produção nacional recuperou-se parcialmente, impulsionando novas contratações. A safra recorde no Brasil, as ótimas margens de rentabilidade alcançados na safra 2019/2020, a queda nas taxas de juros e a alta sustentada dos preços no segundo semestre são fatores de estímulo à aquisição de novas máquinas pelos produtores brasileiros. Além disso, o fato de a agropecuária ter sofrido menos intensamente os impactos da crise econômica elevou o interesse de instituições financeiras em ofertar crédito ao setor. Portanto, apesar de um primeiro semestre de dificuldades, a tendência é de que a indústria de máquinas agrícolas encerre o ano com alta nas vendas e saldo positivo de empregos no Rio Grande do Sul.

No segmento “dentro da porteira”, constituído pelas atividades agropecuárias, foram criados 284 postos de trabalho no terceiro trimestre. Por anteceder o início das atividades de implantação das culturas de verão, historicamente, esse trimestre é caracterizado pela baixa criação de empregos na atividade agropecuária. Entre julho e setembro, o setor de produção de lavouras temporárias foi o que registrou o maior saldo positivo de empregos (161 postos) no segmento.

Tabela 1

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no  
Rio Grande do Sul — 3.º trim./2020

SETORES	SALDO		DIFERENÇA
	3.º Trim./2019	3.º Trim./2020	
<b>Maiores saldos</b>			
Abate e fabricação de produtos de carne .....	-83	1.611	1.694
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários .....	-31	1.057	1.088
Curtimento e preparações de couro .....	-50	668	718
Fabricação de produtos intermediários de madeira .....	-127	362	489
Laticínios .....	181	343	162
Fabricação de outros produtos alimentícios .....	96	333	237
Fabricação de conservas .....	146	244	98
Fabricação de adubos e fertilizantes .....	153	190	37
<b>Menores saldos</b>			
Fabricação de produtos do fumo .....	-9.351	-6.812	2.539
Moagem e fabricação de produtos amiláceos .....	-280	-213	67
Fabricação de sementes e mudas certificadas .....	-113	-87	26
<b>TOTAL DO AGRONEGÓCIO .....</b>	<b>-9.020</b>	<b>-1.126</b>	<b>7.894</b>

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

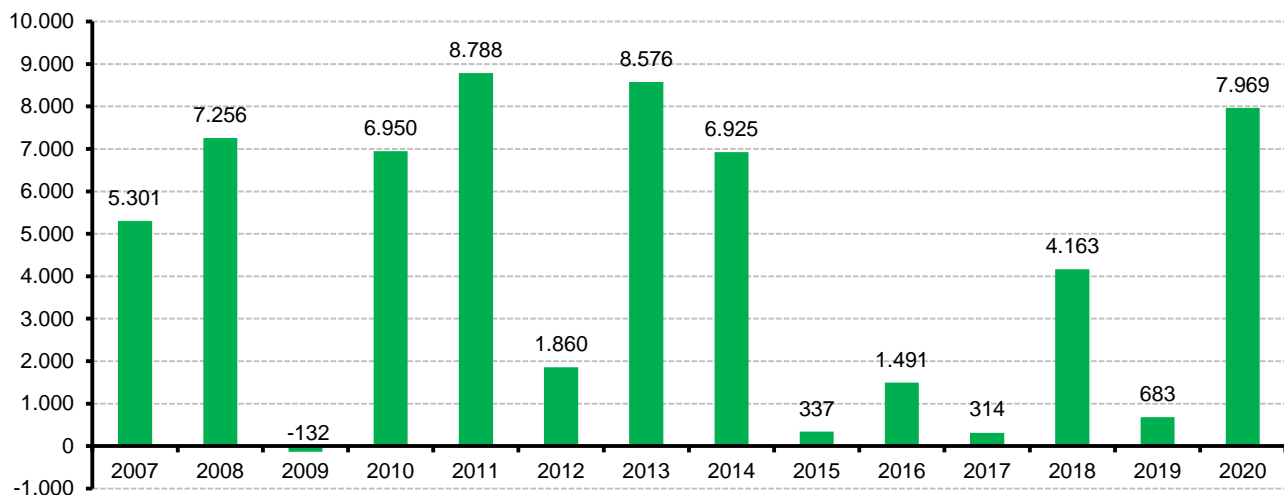


## 2.2 Emprego formal no acumulado do ano (jan.-set.)

Em setembro de 2020, havia 329.134 vínculos ativos de emprego com carteira assinada no agronegócio do Rio Grande do Sul. Apesar da perda de empregos no segundo e no terceiro trimestres, no acumulado dos nove primeiros meses do ano, o saldo de empregos continua positivo. Entre janeiro e setembro, o número de admissões (111.659) foi superior ao de desligamentos (103.690), resultando na criação de 7.969 postos de trabalho com carteira assinada no setor. Em igual período do ano anterior, foram criados 683 postos de trabalho no agronegócio gaúcho. No conjunto da economia gaúcha, o saldo em 2020 é negativo, tendo sido perdidos 74.445 postos de trabalho formais nos primeiros nove meses do ano.

Gráfico 8

Evolução do saldo acumulado de empregos formais celetistas do agronegócio no Rio Grande do Sul — jan.-set. 2007-20



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo  
2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

Nos primeiros nove meses do ano, o setor líder em criação de empregos no agronegócio gaúcho é o de abate e fabricação de produtos de carne (5.219 postos). A geração de empregos nesse setor é explicada principalmente pela dinâmica produtiva das cadeias de aves e suínos, que, em 2020, se beneficiaram de um impulso externo importante. Na sequência, em ordem decrescente de número de empregos gerados, aparecem os setores de fabricação de produtos do fumo (3.069 postos), fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários (1.132 postos) e fabricação de adubos e fertilizantes (780 postos). No setor fumageiro, conforme descrito anteriormente, o elevado saldo de empregos está diretamente associado à pandemia, que alterou o período típico de processamento da matéria-prima. Por essa razão, a tendência é de perda de empregos no último trimestre do ano, conforme a processamento do fumo for sendo finalizado. Nos setores de máquinas agrícolas e de fertilizantes, há fontes comuns de favorecimento à criação de postos de trabalho. O crescimento esperado da área plantada de grãos no Brasil, a elevação dos preços recebidos pelos agricultores e a queda nas taxas de juros contribuem para a realização de investimentos em bens de capital e na formação das lavouras. Adicionalmente, no Rio Grande do Sul, nos últimos anos, foram realizados investimentos importantes nesses setores, tanto para a modernização das plantas como para a ampliação da capacidade produtiva, a fim de atender as demandas locais e do restante do País. Nesse sentido, para além da produção primária e agroindustrial, o Estado mantém protagonismo enquanto fornecedor de insumos e máquinas agrícolas para o setor agropecuário nacional.

Por outro lado, os setores com maior perda de empregos no acumulado do ano foram os de fabricação de conservas (menos 1.070 postos), curtimento e preparações de couro (menos 703 postos), fabricação de produtos de panificação (menos 659 postos), comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais (menos 424



postos) e apoio à agropecuária e à produção florestal (menos 402 postos). Enquanto o movimento do setor de conservas pode ser atribuído ao padrão sazonal (as contratações concentram-se em outubro e novembro), as perdas de empregos nos demais setores parecem estar mais associadas à redução da produção agrícola (comércio atacadista e atividades de apoio à agropecuária) e aos desdobramentos da pandemia (setores coureiro-calçadista e de panificação).

Tabela 2

Setores do agronegócio com maior criação e perda de empregos formais celetistas no  
Rio Grande do Sul — jan.-set./2020

SETORES	EMPREGOS CRIADOS		DIFERENÇA
	Jan.-Set./2019	Jan.-Set./2020	
<b>Maiores saldos</b>			
Abate e fabricação de produtos de carne .....	290	5.219	4.929
Fabricação de produtos do fumo .....	356	3.069	2.713
Fabricação de tratores, máquinas e equipamentos agropecuários .....	1.113	1.132	19
Fabricação de adubos e fertilizantes .....	425	780	355
Produção de lavouras permanentes .....	980	657	-323
Fabricação de produtos intermediários de madeira .....	-199	398	597
Pecuária .....	3	306	303
Moagem e fabricação de produtos amiláceos .....	-285	257	542
Fabricação de rações .....	43	188	145
Comércio atacadista de insumos agropecuários .....	135	166	31
<b>Menores saldos</b>			
Fabricação de conservas .....	-1.031	-1.070	-39
Curtimento e preparações de couro .....	-297	-703	-406
Fabricação de produtos de panificação .....	49	-659	-708
Comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais .....	430	-424	-854
Apoio à agropecuária e à produção florestal .....	-169	-402	-233
Produção de mudas e sementes certificadas .....	-442	-301	141
Fabricação de chocolates e produtos de confeitaria .....	192	-276	-468
<b>TOTAL DO AGRONEGÓCIO .....</b>	<b>683</b>	<b>7.969</b>	<b>7.286</b>

Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.

Nota: 1. Estatísticas ajustadas com base nas declarações enviadas fora do prazo.

2. Os dados até 2019 são do Caged. A partir de 2020, utiliza-se o Novo Caged.

Na comparação dos nove primeiros meses de 2019 e 2020, os setores que mais melhoraram o saldo de empregos foram os de abate e fabricação de produtos de carne, fabricação de produtos do fumo, produção de lavouras temporárias e fabricação de produtos intermediários de madeira. No setor de carnes, a criação de empregos ocorreu sobre uma base elevada. Desde o princípio de 2019 tem se ampliado o recorde de vínculos ativos no setor, que superou a marca de 64 mil postos em setembro de 2020. Como assinalado anteriormente, o setor beneficiou-se de uma conjuntura internacional favorável à comercialização das carnes, ainda em função da Peste Suína Africana na China e da habilitação de novas plantas para a exportação no território gaúcho. Adicionalmente, a desvalorização cambial favoreceu a competitividade internacional dessa indústria.

Já os setores que mais pioraram seu saldo de empregos foram os de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais, de fabricação de produtos de panificação, de fabricação de chocolates e produtos de confeitaria e de curtimento e preparações de couro. Até o segundo trimestre, o setor de fabricação de máquinas agrícolas também se encontrava nesse grupo de setores, porém, a retomada na geração de empregos nos últimos meses foi suficiente para equiparar os saldos de empregos de 2020 aos de 2019. Gradativamente, as atividades industriais foram retomadas e diminuiu a incerteza para a tomada de decisões de investimento na agricultura, comparativamente aos primeiros meses de pandemia.

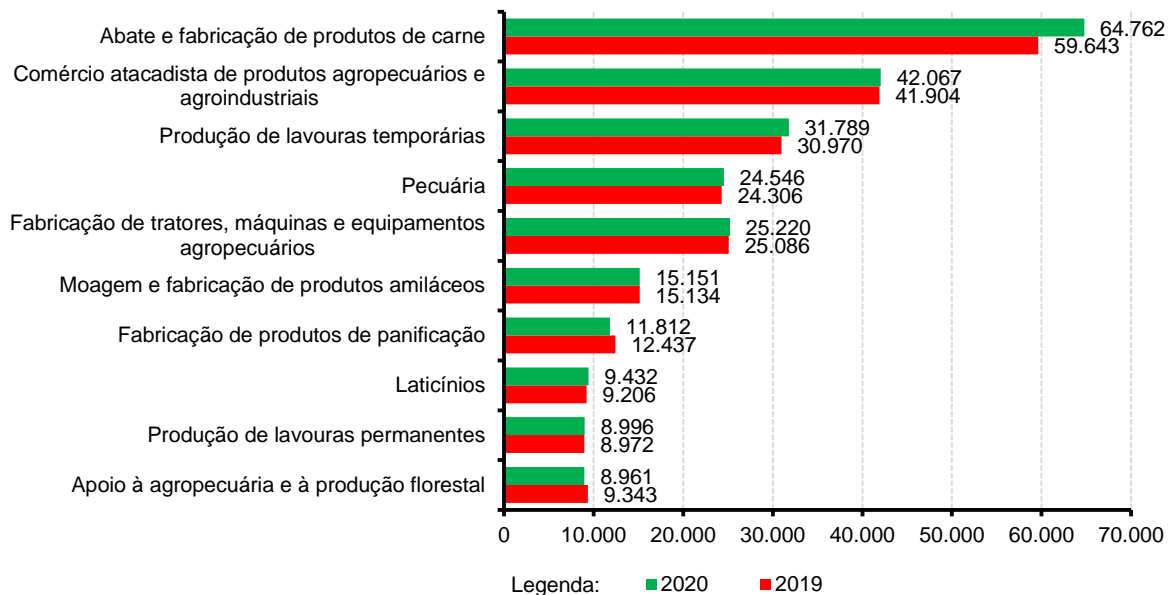
Ao final do terceiro trimestre de 2020, os setores com maior estoque de empregos formais no agronegócio gaúcho são os de abate e fabricação de produtos de carne, de comércio atacadista de produtos agropecuários e agroindustriais e de produção de lavouras temporárias. Entre os dez principais setores empregadores do agrone-



gócio gaúcho, seis registraram saldo positivo de empregos nos primeiros nove meses do ano e oito no acumulado de 12 meses (Gráfico 9).

Gráfico 9

Estoque de empregos formais celetistas nos principais setores empregadores do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim./2019 e 3.º trim./2020



Fonte dos dados brutos: Ministério da Economia, Secretaria Especial de Previdência e Trabalho.  
Nota: O estoque é estimado através da combinação das informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Para o último trimestre de 2020, no conjunto do agronegócio gaúcho, a tendência é de registro de saldos negativos de emprego formal, especialmente na indústria fumageira. No setor de carnes, no curto prazo, a continuidade da geração de postos de trabalho dependerá essencialmente dos fluxos de exportação e da velocidade de recuperação da demanda doméstica. Além da perda de renda decorrente da crise econômica, o consumo de carnes no mercado nacional tem sido afetado pela alta dos preços ao consumidor, movimento que deve persistir até o encerramento do ano. Um grande desafio que se impõe ao setor de carnes é a obtenção de margens de rentabilidade positivas, sobretudo no setor de aves, dados os aumentos expressivos dos preços dos principais insumos (soja e milho) nos últimos meses. A menor disponibilidade doméstica dos grãos colhidos na safra de verão continua pressionando os preços no mercado interno brasileiro (disputa acirrada pelos estoques). Dificilmente as ações recentes do governo federal, de redução das tarifas de importação para a soja, o milho, o arroz e o trigo, serão suficientes para reverter o movimento de alta nos preços dessas *commodities*, pelo menos até a entrada da próxima safra de verão. Esse cenário de alta nos preços criou um forte estímulo para a ampliação da área das principais culturas na safra 2020/21, apesar das dificuldades financeiras derivadas da estiagem passada no Rio Grande do Sul. Por outro lado, a falta de chuvas em algumas regiões do estado durante a janela de plantio das culturas de sequeiro e prognósticos de nova escassez de chuvas no primeiro trimestre 2021 impõem novos riscos para a plena recuperação da produção agrícola no próximo ano, o que pode se refletir no mercado de trabalho.

## Referências

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola — LSPA: setembro de 2020. [Brasília, DF]: IBGE, 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/brasil>. Acesso em: 06 nov. 2020.



## Apêndice

Tabela A.1

Tabela resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — 3.º trim./2020

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPA- ÇÃO %	VARIÇÃO			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
<b>Soja</b> .....	1.388.773.445	46,3	-293.940.328	-17,5	-17,5	0,0
Soja em grão .....	1.137.484.699	37,9	-274.471.769	-19,4	-20,3	1,1
Farelo de soja .....	229.559.361	7,7	-6.103.126	-2,6	-1,1	-1,5
Óleo de soja .....	21.729.385	0,7	-13.365.433	-38,1	-31,8	-9,3
<b>Carnes</b> .....	515.725.655	17,2	23.603.563	4,8	9,1	-3,9
Carne bovina .....	96.434.686	3,2	31.035.481	47,5	55,8	-5,4
Carne suína .....	166.810.398	5,6	66.599.879	66,5	75,5	-5,2
Carne de frango .....	222.918.804	7,4	-70.412.443	-24,0	-7,3	-18,0
<b>Fumo e seus produtos</b> .....	356.091.505	11,9	-232.036.757	-39,5	-15,3	-28,5
Fumo não manufaturado .....	308.848.773	10,3	-240.428.578	-43,8	-20,3	-29,4
<b>Produtos florestais</b> .....	229.633.168	7,7	-64.946.435	-22,0	11,9	-30,3
Celulose .....	146.848.271	4,9	-80.062.243	-35,3	-14,8	-24,0
<b>Cereais, farinhas e preparações</b> .....	155.067.389	5,2	78.879.009	103,5	110,6	-3,4
Trigo .....	-	0,0	-32.056	-100,0	-100,0	-
Milho .....	3.135.135	0,1	654.320	26,4	3,0	22,7
Arroz .....	145.771.959	4,9	74.693.937	105,1	117,7	-5,8
<b>TOTAL</b> .....	2.997.610.902	100,0	-506.564.082	-14,5	-7,1	-8,0

Fonte: Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (SPGG/DEE)

Nota: Os dados brutos são do Ministério da Economia/Secretaria de Comércio Exterior.

Tabela A.2

Tabela resumo das exportações do agronegócio do Rio Grande do Sul — acumulado jan.-set./2020

SETORES E GRUPOS DE PRODUTOS	VALOR (US\$ FOB)	PARTICIPA- ÇÃO %	VARIÇÃO			
			US\$ FOB	Valor (%)	Volume (%)	Preço (%)
<b>Soja</b> .....	3.517.930.207	43,8	94.939.587	2,8	3,8	-1,0
Soja em grão .....	2.883.024.544	35,9	96.226.421	3,5	4,4	-0,9
Farelo de soja .....	558.106.234	6,9	-4.569.217	-0,8	0,3	-1,1
Óleo de soja .....	76.799.429	1,0	3.282.383	4,5	11,0	-5,9
<b>Carnes</b> .....	1.463.570.155	18,2	306.591.961	26,5	31,1	-3,5
Carne bovina .....	228.765.526	2,8	61.654.985	36,9	29,9	5,4
Carne suína .....	464.239.619	5,8	192.015.571	70,5	64,9	3,4
Carne de frango .....	687.207.328	8,6	48.982.828	7,7	24,0	-13,2
<b>Fumo e seus produtos</b> .....	884.260.965	11,0	-492.268.945	-35,8	-18,8	-20,9
Fumo não manufaturado .....	783.012.681	9,7	-495.119.065	-38,7	-20,3	-23,2
<b>Produtos florestais</b> .....	667.531.047	8,3	-642.174.621	-49,0	-13,4	-41,1
Celulose .....	441.868.656	5,5	-661.569.987	-60,0	-34,5	-38,8
<b>Cereais, farinhas e preparações</b> .....	545.449.743	6,8	109.394.612	25,1	9,8	14,0
Trigo .....	61.100.003	0,8	-44.491.325	-42,1	-39,9	-3,7
Milho .....	86.116.859	1,1	-15.430.086	-15,2	-16,3	1,4
Arroz .....	386.614.323	4,8	165.791.893	75,1	69,0	3,6
<b>TOTAL</b> .....	8.037.152.834	100,0	-762.347.634	-8,7	1,6	-10,1

Fonte: Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão/Departamento de Economia e Estatística (SPGG/DEE).

Nota: Os dados brutos são do Ministério da Economia/Secretaria de Comércio Exterior.